



Universidades Lusíada

Lebre, Pedro Jorge Ribeiro Guedes, 1968-

Cidade : um olhar contemporâneo sobre o lugar : a contemporary look about the place

<http://hdl.handle.net/11067/5034>

Metadados

Data de Publicação

2011

Resumo

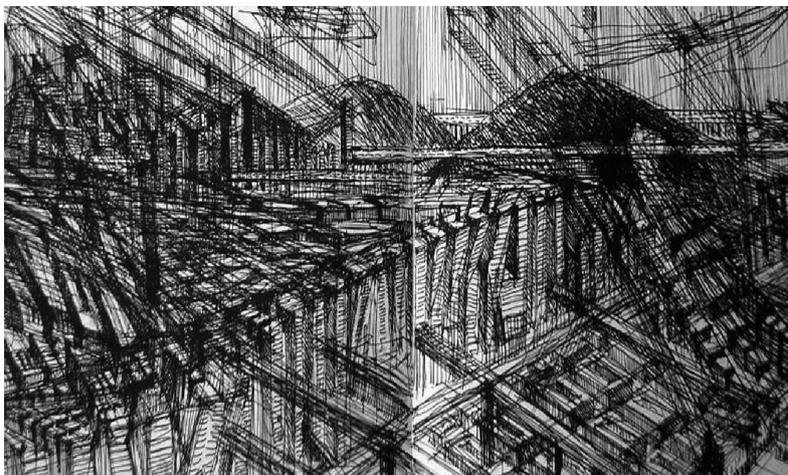
Reflectir sobre a dimensão de pensar e desenhar Cidade é em si mesmo um processo delicado, o qual aspirando atingir a unidade, estrutura-se a partir de um conjunto de interrogações de índole conceptuais, programáticas e de desejo de contemporaneidade que se colocam aos seus autores quando confrontados com a configuração física de um determinado território. As propostas urbanas, sejam elas de cozimento de uma determinada realidade urbana, de acupunctura, de redefinição de áreas particulares de ci...

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-01T01:12:14Z com informação proveniente do Repositório

Lisboa Fora de Horas, 1996. Desenho do Arq.º João Santa-Rita



CIDADE. UM OLHAR CONTEMPORÂNEO SOBRE O LUGAR PEDRO LEBRE Mestre Arquitecto /

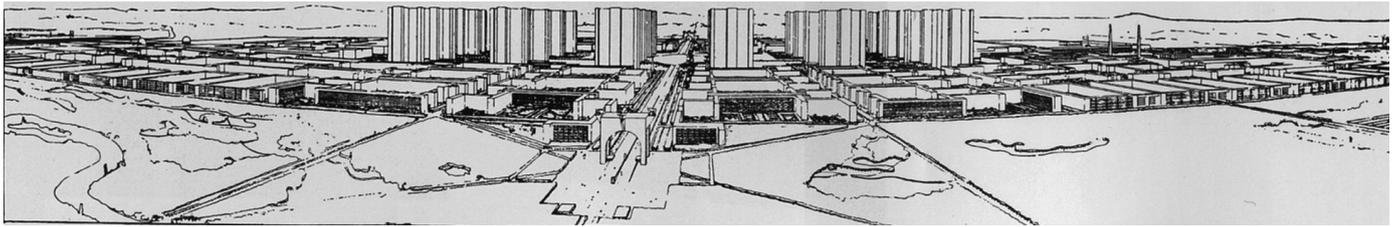
Universidade Lusíada de Lisboa

“Cada cidade tem a sua história, seus pontos de referência. Não me refiro somente aquelas construções que são classificadas como marcas importantes do património histórico da nação. Refiro-me, principalmente, aos locais que pertencem à memória da cidade e que são pontos fundamentais da identidade, do sentimento de pertencer a uma cidade.”

Acupuntura urbana, Jaime Lerner, p. 43.

Reflectir sobre a dimensão de pensar e desenhar Cidade é em si mesmo um processo delicado, o qual aspirando atingir a unidade, estrutura-se a partir de um conjunto de interrogações de índole conceptuais, programáticas e de desejo de contemporaneidade que se colocam aos seus autores quando confrontados com a configuração física de um determinado território. As propostas urbanas, sejam elas de cozimento de uma determinada realidade urbana, de acupuntura, de redefinição de áreas particulares de cidades consolidadas ou quando, perante uma determinada extensão de território, é necessário desenvolver uma estratégia apoiada numa proposição de um desenho urbano que confronte a realidade circunjacente, visam sempre coligar a dimensão construída dos factos arquitectónicos com a expressão vivencial dos espaços públicos por eles gerados.

A cidade tendo sido desde sempre uma aspiração civilizacional, foi no entanto no decorrer do século XX que a sua conceptualização trouxe mudanças mais significativas que se reflectiram (por) num conjunto de propostas, as quais avançavam novos modelos de desenho urbano e da respectiva espacialidade associada. Esta passou a constituir-se como uma plataforma com vocação para todo o tipo de experimentações, de cariz individual e ou social, objecto de propostas vincadamente ideológicas e de manifestação da vontade de ruptura com modelos vigentes na afirmação do espírito do tempo, acreditando-se na urgência em refundar o habitar privado e simultaneamente gerar espaços públicos vivenciais, de suporte às actividades do Homem emergente e do mundo novo. Algumas destas propostas foram indutoras de novos modos de olhar para a cidade e simultaneamente percursoras de algumas



Cidade para 3 Milhões de Habitantes – Le Corbusier

das respostas construídas que se concretizaram ao longo deste século. Sendo uma escolha pessoal, entre tantas outras possíveis, elegem-se como exemplos paradigmáticos da cidade moderna as propostas que nos anos de 1922 e 1925, Le Corbusier faz respectivamente para a Cidade Contemporânea de 3 Milhões de Habitantes e para o Plano Voisin. A escolha destes dois exemplos concretos justifica-se pela sua dimensão ideológica e panfletária, enquanto desenhos carregados de provocações à base da cidade tradicional, fazendo tábua rasa desta, e ao mesmo incorporando o modo de vida da sua época, sugerindo outras formas de habitar o espaço urbano, no qual os objectos arquitectónicos propostos, as vias – pedonais ou viárias – e a mancha verde se constituem como elementos estruturantes e de suporte para as actividades do homem que se procura ideal. Estes desenhos despertam e apelam ao imaginário, em tudo aquilo que revelam e naquilo que sugerem, funcionando ao mesmo tempo como inequívocos manifestos de um lugar com identidade.

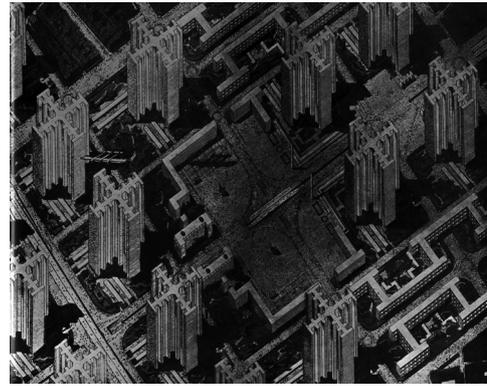
O novo lugar que as propostas acima pretendem fundar, é ele também fundamento de uma das invariantes que cruza desde sempre o pensar cidade, a qual assenta na premissa dos objectos arquitectónicos e espaços públicos se construírem com o Sítio¹ e por esta via passarem a constituir-se como um Lugar² de representação das actividades do Homem.

É neste sentido, aceitando que apesar dos designios que cada tempo coloca aos arquitectos, que se desenvolve natureza intrínseca ao exercício da arquitectura e que reside em cada um deles a capacidade de reconhecer em cada paisagem a intervirm a sua personalidade própria, manipulando pelo desenho a sua transformação/reconfiguração através da dimensão construtiva³, a qual é configurada pela lógica de uma regra preestabelecida de posicionamento e articulação geométrica entre os objectos arquitectónicos

¹ A propósito da sua actividade profissional, num artigo intitulado “Oito Pontos”, Siza Vieira logo no ponto 1 dá-nos a sua leitura sobre o facto de “...Um sítio vale pelo que é, e pelo que pode ou deseja ser – coisas talvez opostas, mas nunca sem relação. (...) Nenhum sítio é deserto. Posso sempre ser um dos habitantes”. MURO, Carles. 1994. Álvaro Siza. Escrits. Edicions de la Universitat Politècnica de Catalunya, p. 27.

² “ A noção de lugar não designa simples determinações fotográficas ou geométricas mas o contexto no qual se produz o encontro com um mundo habitado por sentidos, por memórias, por divindades. A noção latina de *genius loci* constitui o termo comum para designar experiências de desvelo (de manifestação) e encontro através dos quais fazer arquitectura e construir constituem um verdadeiro acto iniciático, único e irrepitível no espaço e no tempo.” SOLA – MORALES, Ignasi de. 2002. Territorios. Editorial Gustavo Gili, p. 113.

³ Projecto e construção são duas variáveis da mesma equação. A forma arquitectónica é o resultado do processo construtivo e dos materiais utilizados. Sendo Espaço o seu objectivo e a sua mais sublime aspiração, está dependente do facto dos objectos arquitectónicos serem construídos com matéria que o limitam ou o conformam.



Plano Voisin – Le Corbusier

e, conseqüentemente, da consubstanciação dos espaços vazios, os quais devem construir-se como elementos agregadores da habitabilidade dos seus usufrutuários.

A Arquitectura da cidade, enquanto sistema de representação dos aspectos do passado, do presente e de um futuro da existência do Ser no Mundo, ancora a sua especificidade na natureza de Lugar⁴ para ser habitado ou para afirmar a passagem do tempo no espaço⁵.

Ao longo do ciclo projectual o arquitecto⁶ vai tornando objectiváveis as essências que a natureza do Sítio lhe revela, num processo metafórico e reinterpretativo, conduzindo-o a uma reinvenção deste através da arquitectura que lhe propõem. Neste processo de descoberta e afirmação projectual verifica-se a passagem de uma leitura do Visível, do Real, a qual é filtrada por cada autor e projectada na sua dimensão Invisível e subjectiva como meio de mediação entre a Natureza e a respectiva Obra Arquitectónica. Deste modo, quer o desenho urbano ou o objecto arquitectónico não se reduzem a um exercício meramente formal, mas sim a um acto transformador, no qual a forma qualifica a envolvente sobre a qual interage e conseqüentemente activando um novo Lugar. A reinvenção do lugar nas cidades, seja através dos espaços privados da habitação, inerentes à forma arquitectónica, seja dos espaços públicos decorrentes da articulação entre formas arquitectónicas, têm sido, desde sempre determinado pelos elementos caracterizadores dos mais variados contextos urbanos e potenciadores da dimensão cultural de um determinado povo, sendo este

⁴ Marc Augé no seu livro sobre *Os não Lugares* aponta para uma definição de Lugar como uma estrutura com carácter identitário, relacional e histórico.

⁵ Entendida esta noção na perspectiva de Campo Baeza: “Acredito, com Heidegger, que a Arquitectura trata de espaços para serem, depois de tensionados pela Luz, habitados pelo Homem. (...) Acredito, com Le Corbusier, que esta criação de espaços para o Homem exige, tal como o próprio homem, um certo grau de imperfeição que capte a força da arquitectura. Os espaços que a Arquitectura propõe são para acolher o homem, não para expulsá-lo. Assim o fizeram o Partenón, Santa Sofia ou Rochamp.” BAEZA, Alberto Campo. *A Ideia Construída*, Colecção *Pensar a Arquitectura*, Editora Caleidoscópio, p. 35.

⁶ “..., o arquitecto é aquele que consciente da sua experiência, experimenta, projecta essa consciência em situações hipotéticas; recolhendo aí novas percepções do real – e de si próprio. Ao fazê-lo ele está a operar sobre conteúdos disciplinares sedimentados em formas precedentes, vividas ou sonhadas, reconstituindo assim a irrevogável solidariedade entre a lógica e a experiência. É isso que lhe permite construir ideias formais e efectuar um certo número de operações lógicas que, parecendo arbitrarias ao senso comum, obedecem todavia a uma ordem interna ao processo de formação. (...) E é a percepção, a descoberta, desse processo de formação inserto na forma, que nos emociona em cada obra observada; e não a forma em si mesma.” TAINHA, Manuel. 1994. *Arquitectura em Questão, Reflexões de um prático*. Edição AEFA – UTL, ps. 126 e 127.



Malagueira – Arq.º Álvaro Siza Vieira

o sentido atribuído por Ignasi de Sola – Morales ao afirmar que “La casa, la ciudad y el paisaje son espacios para ser vividos, para transcurrir en ellos la experiencia del existir y nuestra relación con el mundo.”⁷ ; sendo esta complementada por uma outra de Steven Holl afirmando que:” Al atravesar el espacio de una ciudad, nos desplazamos por una red de perspectivas superpuestas en movimiento. A medida que nuestro cuerpo avanza, se abren y cierran las vistas, las perspectivas palpitan. El brusco movimiento de objetos, muros y edificios, distantes y próximos, revela un paisaje cambiante, visualmente tectónico, llamado «paraláctico». El paseo suscita una grand cantidad de experiencias espontáneas que se entrelazan en el espacio urbano. En los complejos espacios de la ciudad moderna, los edificios no son tanto objetos como visiones parciales que forman un continuo en perspectiva.”⁸ A acção da arquitectura é sempre no sentido de transformar indelevelmente a natureza dos territórios através da sua vertente construtiva, sendo simultaneamente geradora de espaços de habitabilidade para o Homem, funcionando estes últimos como Signo Social⁹, e é nesta dialéctica que se constrói o espaço físico das Cidades.

Neste momento é notório o estilhamento da noção estabilizada de “Mundo”. O homem contemporâneo tem vindo gradualmente a estruturar, em rede, os seus diferentes mundos numa miríade de lugares, mais ou menos neutros, ao longo dos quais se vai deslocando, desligando-se gradualmente, consciente ou inconscientemente, de qualquer sentimento de pertença, forçado a um devir contínuo que emerge com as contingências evolutivas de sociedades alavancadas em valores flutuantes e em redes sociais e laborais que há muito redesenharam ou anularam pura e simplesmente as fronteiras, sejam elas visíveis ou invisíveis. Nesta nova lógica tentacular a vivência de cidade do Homem ocidental ancora-se, cada vez mais, nos lugares da memória, em lugares pertença

⁷ “A casa, a cidade e a paisagem são espaços vividos, para neles decorrer a experiência do existir e da nossa relação com o mundo” (tradução livre). SOLA – MORALES, Ignasi de. 2002. Territorios. Editorial Gustavo Gili, p.113.

⁸ “ Ao atravesar o espaço de uma cidade, deslocamo-nos através de uma rede de perspectivas sobrepostas e em movimento. À medida que o nosso corpo avança, abrem-se e fecham-se pontos de vista, as perspectivas palpitam. O constante movimento dos objectos, muros e edificios, distantes e próximos, revela uma paisagem cambiante, visualmente tectónica, chamada «paralactico» (relativo à paralaxe – na astronomia: diferença entre as direcções em que um astro é visto quando observado de dois pontos da terra, diferença que é tanto mais acentuada quanto mais próximos esse pontos ficarem, in Dicionário da Língua Portuguesa 2010 da Porto Editora). O passeio suscita uma enorme quantidade de experiências espontâneas que se entrelaçam no espaço urbano. Nos complexos espaços urbanos da cidade moderna, os edificios não são apenas objectos como também visões parciais que forma um contínuo em perspectiva.” (tradução livre) STEVEN, Holl. 1997. Entrelazamientos. Editorial Gustavo Gili, p. 12.

dos seus universos particulares, os quais se constituem como uma espécie de realidade paralela à da sua existência quotidiana. A sociedade industrializada e desenvolvida organizou-se em torno de um sistema sócio-económico baseado no imediato e no espectáculo, exigindo resultados cada vez mais altos e desproporcionados aos Sujeitos. Estes vivem um momento de mudança de paradigma assente no aleatório e no casual, sem se conseguir, neste momento, identificar um caminho concreto, mas apenas alguns sinais fragmentários.

Num mundo aberto, a mobilidade, as redes virtuais e as dinâmicas sociais introduziram um conjunto de factores potenciais para explorar outras formas de desenho urbano, sendo que o campo para o seu exercício passou a ser extensível a qualquer zona do globo. Esta realidade recentra o debate de pensar e fazer cidade na pesquisa de processos mentais dinâmicos, de ferramentas disciplinares adequadas à imagem proposta e, sobretudo, de uma capacidade mutante na leitura e interpretação que os diferentes autores revelarem sobre os mais dispares territórios, exigindo-lhes novos modelos urbanos.

A cidade continua a ser a plataforma ideal e experimental para a arquitectura, através de propostas urbanas portadoras de respostas tão diferenciadas como aquelas que apontam para a radical transformação do espaço habitado pelo Homem, as que defendem a articulação dos estratos sobre os quais se construiu a memória e o tempo da cidade, as respostas assentes apenas no refinamento de objectos arquitectónicos singulares, as que incorporam lógicas pautadas por níveis de continuidade ou negação do contexto existente, sem no entanto se demitirem da sua condição contemporânea. Esta multiplicidade de respostas vai construindo a imagem da cidade do nosso tempo histórico

É aliás já verificável em algumas cidades¹⁰ a perda do seu carácter identitário, transformando-se estas gradualmente em cidades genéricas¹¹. Esta transformação silenciosa é resultado de um processo de aculturação sem fronteiras, fruto de migrações ou imigrações de contingentes significativos de pessoas na senda de novas, ou únicas, oportunidades, desencadeando uma miscigenação cultural entre hábitos e vivências autóctones com outras formas de cultura de que esta mole étnica é portadora.

¹⁰ “ A nova paisagem urbana é um texto de sentidos múltiplos. (...), dificultando o olhar de quem procura exercícios de composição ou o reconhecimento de modelos familiares. (...) A nova paisagem urbana não é o produto de uma racionalização única ou de um modelo predefinido.” In Novas paisagens urbanas, Álvaro Domingues, *Jornal Arquitectos*, Maio/Junho 2002, p.115

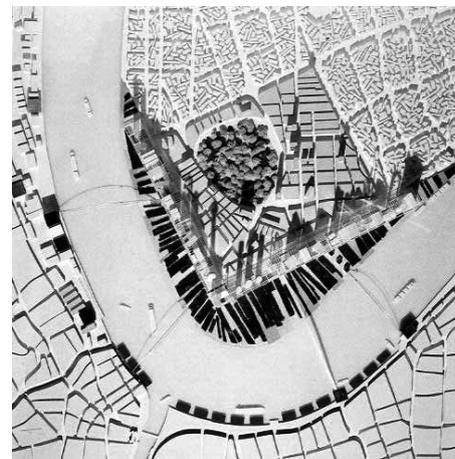
¹¹ Conceito proposto por Rem Koolhaas, no qual defende que as cidades cada vez mais serão universais em clara oposição a uma perspectiva que defende a específico e o autóctone.

As inevitabilidades subjacentes as estas realidades, são já reconhecíveis na forma e no conteúdo como são estruturadas as respostas arquitectónicas em termos de abordagem urbana. Consta-se hoje, reflexos do mundo sem fronteiras e da necessidade de todo o tipo de oportunidades de trabalho, uma capacidade dos arquitectos em gerar respostas que almejam satisfazer não apenas a sua realidade mais próxima mas uma latitude maior, confrontando-se sistematicamente com outras realidades geográficas e culturais e em limite, num mesmo tempo, dando respostas para áreas diametralmente opostas em todos os seus aspectos físicos e sócio – económicos.

Esta transfiguração da realidade física com a qual se confrontam as propostas arquitectónicas coloca, uma vez mais, o acto projectual perante a necessidade de redefinição dos caminhos da investigação teórica e da praxis, tendo por objectivo último provocar uma reinvenção da arquitectura da cidade. Assim, no que ao desenho urbano respeita verifica-se, muitas das vezes, propostas de cidades ou para partes de cidades consolidadas que são apenas consequência de processos assentes na intuição dos seus autores ou em lógicas suportadas por processos próprios na abordagem aos problemas arquitectónicos. Esta situação pode derivar do não conhecimento efectivo das áreas sobre as quais está a intervir – em função da distância a que estes se localizam ou do tempo diminuto exigido para a resposta –, implica a formulação de uma imagem mediadora da realidade, apoiada em suportes fotográficos ou imagens recolhidas nos suportes informáticos, de modo a construir a resposta.

O desenho urbano é, nestes casos, guiado por uma vontade e um desejo dos seus autores, construindo-se um lugar dentro de outro, num processo em que a arquitectura se torna auto – descritiva, isto é deixa de atender às referências do lugar para passar a impor as suas próprias regras.

Apesar do momento profícuo, mas ao mesmo tempo de transição, julgo que o acto projectual manterá sempre como premissa primeira (invariável em qualquer circunstância) gerar uma ideia para um determinado Lugar, transformando-o num novo lugar habitado. Aceitando-se como inevitável o facto de, na grande maioria dos casos, a cidade ser pensada ao momento implicando que a essencialidade do desenho só seja atingida quando este consegue ser gerador de intensidade do ponto de vivência urbana; dos projectos serem sempre uma vontade de reciclagem da paisagem; o facto da cidade contemporânea ser cada vez mais fragmentada pela reconversão avulsa de troços da cidade existente, estas continuam a ser organismos vivos, com níveis de autonomia, gerando a cada sobreposição de um novo estrato, que na sua resistência à passagem do tempo será absorvido no todo, numa série de



Projecto para Shangai – Arq.º Dominique Perrault

entropias e dinamismos que conduzem à sua sistemática redefinição.

A construção de um lugar, numa realidade urbana, está sempre sujeito à intervenção, e conseqüente transformação numa outra realidade construída e vivida, não perde o estatuto de invariante do ciclo projectual com a qual o arquitecto estabelece um processo de mediação entre a Ideia e o respectivo Contexto¹². Neste sentido, a simbiose entre estes dois conceitos contínua actualizada no modo como o Arquitecto Siza Vieira os funde em projectos: “A ideia não está na cabeça, existe sim no terreno para aquele que a saiba reconhecer e, por isso, pode e deve surgir imediatamente”¹³.

Ao terminar, e enquanto questão solta ou não do presente texto, gostaria de deixar uma proposta de reflexão sobre o pensar e desenhar cidade. Para tal, recorro ao mesmo tipo de desafio colocado por Rui Tavares no seu *Pequeno Livro do Grande Terramoto*, o qual segundo este autor consiste no facto de “Uma das maneiras de averiguar acerca da importância de uma coisa é imaginar como seria o mundo sem ela.”¹⁴, e sustentada na tese do mesmo autor, de que “Costuma-se dizer-se que contra factos não há argumentos. Um subgénero historiográfico conhecido por «história contrafactual» faz exactamente o oposto, substituindo factos por argumento.”¹⁵

No caso presente, ao contrário de Rui Tavares que propõe a reflexão de como seria Lisboa se o terramoto de 1755 não tivesse ocorrido, propomos um exercício diametralmente oposto o qual coloca a interrogação imaginando como seria o mundo (no caso as cidades contemporâneas) se os dois projectos de Le Corbusier, mencionados neste texto, tivessem sido construídos segundo os princípios e lógicas defendidas pelo seu autor.

¹² “As ideias que dão origem à Arquitectura são conceitos complexos. (...). IDEIA que aparece como síntese dos factores concretos que concorrem para o complexo facto arquitectónico: CONTEXTO, FUNÇÃO, COMPOSIÇÃO E CONSTRUÇÃO. CONTEXTO que é relativo ao Lugar, à Geografia, à História. Ao onde, ao UBI”. BAEZA, Alberto Campo – A Ideia Construída, Coleção Pensar a Arquitectura, Editora Caleidoscópio, p 35.

¹³ FLECK, Brigitte. 1999. Álvaro Siza, Relógio D’ Água Editores, p. 74

¹⁴ TAVARES, Rui. 2009. O Pequeno Livro do Grande Terramoto”, Edições tinta – da - china Lda, p. 29

¹⁵ Idem, p3 1

